

A ideologia e os genes

O antropólogo americano afirma que a carga genética de uma pessoa influencia suas escolhas políticas tanto quanto as informações que ela recebe ao longo da vida

Durante dez anos, o antropólogo evolucionista americano Avi Tuschman, da Universidade Stanford, analisou e comparou mais de uma centena de pesquisas de áreas como a psicologia, a neurociência e a antropologia para entender que fatores não racionais fariam alguém se identificar com ideologias mais conservadoras ou mais liberais, ser a favor ou contra o aborto, apoiar ou criticar determinada corrente econômica. A conclusão a que ele chegou é que a resposta, ou parte dela, está nos nossos genes, como explica em seu livro *Our Political Nature: The Evolutionary Origins of What Divides Us* (Nossa Natureza Política: as Origens Evolutivas do que Nos Divide, em tradução livre). “Se não podemos dizer que somos predeterminados a ser conservadores ou liberais, também não podemos afirmar que estamos totalmente livres para escolher”, diz Tuschman. De sua casa em Palo Alto, na Califórnia, ele falou a VEJA.

Em que medida os homens já nascem “programados” para ser liberais ou conservadores? Em boa medida. A percepção mais comum é que moldamos nossa visão de mundo com base em informações que angariamos ao longo da vida — que a leitura das notícias, os comentários das pessoas com quem convivemos e os acontecimentos que testemunhamos são suficientes para definir se seremos conservadores ou liberais, tanto no campo da política quanto no dos costumes. Mas não é assim. Hoje já podemos afirmar que há uma predisposição genética para defender determinadas opiniões. É possível afirmar que a influência da carga genética é tão forte quanto a do ambiente.

Como o senhor chegou a essa conclusão? Para escrever meu livro, coletei e analisei mais de 100 pesqui-



“Não podemos afirmar que somos totalmente livres para escolher”

MARK TUSCHMAN

sas. Em algumas delas, a influência da genética na formação de pontos de vista do indivíduo ficou demonstrada por meio da comparação de gêmeos idênticos com gêmeos bivitelinos, como o estudo conduzido pelo psicólogo Thomas Bouchard, da Universidade de Minnesota. Tanto os gêmeos idênticos quanto os bivitelinos da pesquisa foram separados ainda bebês e criados em ambientes diferentes. Os gêmeos idênticos separados no berço mostraram forte semelhança em suas orientações políticas, independentemente da ideologia da família em que cada um foi criado. Entre os gêmeos bivitelinos a variação foi bem maior. Vários estudos similares chegaram a essas mesmas conclusões nos últimos quarenta anos. Isso não significa dizer que a influência genética nos torna prisioneiros de uma opinião. Significa dizer que as diferenças psicológicas individuais têm mais relação com nossas escolhas políticas do que o fato de pertencermos ao gênero masculino ou feminino, a determinados grupos demográficos ou a classes econômicas diferentes.

E também que não somos totalmente racionais em nossos posicionamentos políticos... Exatamente. Outra pesquisa, esta coordenada por cientistas da Universidade College London (UCL), recrutou noventa estudantes e realizou imagens de ressonância magnética para escanear o cérebro deles. Através dessas imagens, os cientistas conseguiram prever quais estudantes eram mais liberais e quais eram mais conservadores. Aqueles identificados com os valores de direita possuíam uma área do cérebro, a amígdala cerebelosa direita, mais desenvolvida. Essa região cerebral é responsável pelos impulsos de competição e precaução. Já os estudantes que se alinhavam mais com valores relacionados à esquerda apresentavam outra região mais desenvolvida, o córtex cingulado anterior — responsável

“A genética não nos faz prisioneiros de uma opinião. Mas as diferenças psicológicas individuais têm mais relação com as nossas escolhas políticas do que o fato de pertencermos ao gênero masculino ou feminino ou a classes econômicas diferentes”

pelo desenvolvimento de características como o desejo de cooperação e a sensibilidade ao comportamento dos outros. Esse estudo surgiu depois que o ator britânico Colin Firth lançou um desafio: queria saber se existiam evidências psicológicas que poderiam explicar diferentes personalidades políticas. Na verdade, ele perguntou aos cientistas o que estava biologicamente errado com as pessoas que não concordavam com ele em temas políticos.

Há povos mais propícios a ter visões políticas e sociais mais conservadoras ou liberais? É importante notar que as maiores variações na orientação política são encontradas dentro de grupos, e não entre grupos. No entanto, quando olhamos para populações ao redor do mundo, há pequenas diferenças na personalidade política da média dessas populações. O espectro político muda le-

vemente para a esquerda ou para a direita a depender do histórico daquela população. Traços de personalidade como a precaução, ligados a padrões de voto mais conservadores, são mais presentes em populações ancestrais situadas próximo à linha do Equador e fortemente relacionados a climas mais quentes. Também há evidências de que a prevalência histórica de doenças infecciosas nesses locais pode ter selecionado indivíduos que, por temor de contágio, são menos abertos a interagir com outros.

Mas países como Bolívia, Venezuela e Equador estão perto da linha do Equador e hoje são comandados por líderes de esquerda. Não deveria ser diferente? Esse estudo que eu mencionei foi feito com populações do Velho Mundo, que se adaptaram e vivem em seus ambientes há dezenas de milhares de anos. O Novo Mundo, o continente americano, foi a última parte do planeta a ser povoada por populações indígenas — e europeus e africanos só chegaram lá há algumas centenas de anos. E é sabido que há uma sólida relação entre populações que historicamente passaram por longas migrações e a prevalência, nessas populações, da forma mais longa de um receptor de dopamina, o D4. Esse tipo é menos eficiente para receber a dopamina, um neurotransmissor ligado à motivação e à gratificação. Assim, entende-se que povos portadores dele tendem a se arriscar mais e a procurar mais novidades para conseguir a mesma quantidade de dopamina que povos mais sedentários. Essas características — a disposição para riscos e para novidades — estão ligadas a um traço de personalidade, a receptividade, que, por sua vez, está associada ao liberalismo político. Um estudo que analisou 39 populações ao redor do planeta descobriu que as populações indígenas da América Latina são as que têm a maior proporção desses genes mais longos.

A orientação política deriva de três traços de personalidade, segundo seu estudo. Como eles se relacionam? Em que medida enxergamos o mundo sob uma ótica tribalista, o grau de tolerância que temos à desigualdade e, por fim, a nossa percepção sobre a natureza humana, se ela é competitiva ou cooperativa. Esses três traços de personalidade se mostraram perfeitamente mensuráveis em todos os países que analisei. A tolerância à desigualdade e a percepção sobre a natureza do homem — é competitivo ou cooperativo? — se relacionam quase automaticamente com os conceitos de esquerda e direita. Já o tribalismo é mais complexo.

Por quê? Ele se divide em três componentes: etnocentrismo, religiosidade e intolerância ao sexo que não sirva para fins reprodutivos. Indivíduos com o conjunto desses traços tendem a ter visões políticas associadas ao conservadorismo. Por outro lado, a xenofilia, que é a disposição para relacionar-se com outros grupos, o secularismo e a maior tolerância sexual estão associados a visões de esquerda.

Quais as consequências disso? Os que têm valores mais ligados ao conservadorismo tendem a se reproduzir entre eles e a valorizar a defesa de seu grupo étnico em contraponto a interesses individuais. Por exemplo: essas pessoas tendem a rejeitar escolhas na vida profissional que possam prejudicar suas relações familiares. Por outro lado, indivíduos de grupos mais xenofílicos, seculares e tolerantes sexualmente tendem a fazer prevalecer seus interesses pessoais em detrimento do coletivo. Isso permite, por exemplo, que eles se sintam mais à vontade para se relacionar com indivíduos de outros grupos. Assim, podemos dizer que liberais dão relativamente maior importância ao individualismo e menor a valores

“O espectro político muda levemente para a esquerda ou para a direita a depender do histórico das populações. Traços de personalidade como a precaução, ligados a padrões de voto mais conservadores, são moderadamente mais presentes em ancestrais perto da linha do Equador”

do grupo. E o contrário se dá com conservadores.

É possível apontar um lugar ou uma população que tenham a mesma importância para esse tipo de estudo que Galápagos teve para Darwin? Sim, esse lugar é a Islândia. A primeira parte do meu livro mede o grau de tribalismo ao redor do mundo. A variação é substancial. É sabido que o tribalismo é um mecanismo da natureza que se destina a modular a intensidade com que se dão as relações intergrupais nas diferentes sociedades. Em determinadas situações, a natureza prefere a endogamia, mas essas situações não são muito frequentes. Em outras, a reprodução intergrupar aumenta a probabilidade de perpetuação dos descendentes desses grupos. Com base em um registro quase perfeito de toda a sua população, geneticistas islandeses recentemente conseguiram descobrir quando ocorre o pico bené-

fico de reprodução com outros grupos. Ao longo de dez gerações, 165 anos e 160 881 casais, os pesquisadores mostraram que casamentos a partir de primos em quarto grau tinham o maior número de netos sobreviventes, na média. Casais com relações familiares mais próximas ou mais distantes tinham uma média menor de descendentes. As chances de maior sucesso reprodutivo, portanto, é um dos fatores que explicam o grau de tribalismo da população islandesa.

A frase “Um homem que não seja comunista aos 20 anos não tem coração e um homem que permaneça comunista aos 40 não tem cérebro” faz sentido, na sua opinião? Sabemos que há uma tendência de nos tornarmos mais conservadores à medida que envelhecemos. Hoje podemos dizer que parte da explicação para isso está no cérebro, mais especificamente, na região do córtex pré-frontal. Essa área é responsável por regular nossas emoções, controlar impulsos e realizar o complexo julgamento que pesa os benefícios imediatos em relação às consequências futuras. Diferentemente da maior parte das outras regiões do cérebro, o córtex pré-frontal continua a se desenvolver até quase os 30 anos. Portanto, é natural que, enquanto envelhecemos, nos tornemos menos receptivos a ações de risco e rebeldia, mais associadas a ideologias de esquerda. Embora a orientação direita-esquerda em determinada população possa ser distribuída equanimemente em um gráfico, a curva dá uma leve guinada para a direita durante a terceira década de vida. Essas mudanças de personalidade que se desenvolvem no começo da idade adulta são, em boa parte, herdadas. Essa alteração de traço de personalidade é uma provável evolução adaptativa adequada às diferentes fases da vida. Quando somos jovens, estamos mais dispostos à dispersão e a encontrar novos parceiros. Mais tarde, nós nos preocupamos mais em criar e manter uma família estável. ■